

## A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA EM IPU-CE: ENTRE A CULTURA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Samuel de Lima Costa<sup>1</sup>

Raimundo Nonato Rodrigues de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como intuito a realização de uma análise sobre a representação do indígena na cidade de Ipu-CE<sup>3</sup>, a conhecida “berço de Iracema”. O que se buscou foi entender a construção da imagem do índio a partir do discurso cultural romantizado, embasado na obra *Iracema* de José de Alencar sendo mantido pelo poder público e expor como está sendo feita a abordagem da temática do indígena no ensino de história na cidade. Com isso, foi necessário pesquisar em alguns espaços culturais e estabelecimentos educacionais de Ipu. Foram coletadas fontes na Casa da Cultura e Secretaria da Cultura ipuense; analisei a produção histórica memorialista tida como “oficial” e visitei algumas escolas, tanto públicas como privadas, onde foi produzido um questionário para os professores de história e uma enquete para os estudantes. Além dessas fontes os livros e apostilas didáticas das escolas foram objetos de análise, assim como os planos anuais da matéria de história. Essas análises serão embasadas em teóricos como: Francisco Régis Ramos, Ronaldo Vainfas, Antonio Vitorino Farias, Circe Maria Bitterncourt, Maria Auxiliadora Schmidt. Em suma, buscou-se um estudo reflexivo sobre a imagem do indígena dentro e fora da sala de aula em Ipu-CE.

**Palavras-chave:** Ensino de história, temática indígena, representação.

### ABSTRACT

This article intends to carry out an analysis on the representation of the indigenous in the city of Ipu-CE, the well-known "cradle of Iracema". What was sought was to understand the construction of the image of the Indian from the romanticized cultural discourse, based on the work *Iracema* de José de Alencar being maintained by the public power and to expose how is being done the approach of the indigenous theme in the teaching of history in the city. With this, it was necessary to research in some cultural spaces and educational establishments of Ipu. Sources were collected at the House of Culture and the Secretariat of Culture of. I analyzed the historical memorialist production as "official" and visited some schools, both public and private, where a questionnaire was produced for history teachers and a poll for students. In addition to these sources, the books and didactic books of the schools were objects of analysis, as well as the annual plans of the history material. These analyzes will be based on theorists such as: Francisco Régis Ramos, Ronaldo Vainfas, Antonio Vitorino Farias, Circe Maria Bitterncourt, Maria Auxiliadora Schmidt. In sum, a reflexive study was sought on the image of the indigenous inside and outside the classroom in Ipu-CE.

**Keywords:** History teaching, indigenous themes, representation.

---

<sup>1</sup> Graduado em História, aluno do curso de Especialização em Ensino de História do Ceará, ambos pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. E-mail: samuel\_ipu@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. E-mail: raisouza2013@hotmail.com

<sup>3</sup> Segundo os dados do IBGE a cidade de Ipu está inserida na Região Administrativa 5, composta pelos municípios de Carnaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, São Benedito, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará, que concluem como sendo integrantes da Serra da Ibiapaba ou Serra Grande, popularmente conhecida na região. Informação disponibilizada no site [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acessado em 12 de maio de 2016.

## 1. INTRODUÇÃO

Certa vez, participando de mais um Simpósio Ipu<sup>4</sup> me peguei a observar uma imensa imagem de Iracema desenhada e pintada no *hall* de entrada da escola estadual profissionalizante Antônio Tarcísio Aragão, aquela descrição artística representando a índia inquietou-me e passei a fazer ponderações sobre a temática do indígena no ensino de história em Ipu, essa inquietação foi corroborada com o forte discurso cultural mantido pelo poder público municipal, que há tempos, incorporou-se da alcunha de “berço de Iracema” enaltecendo a representação da “índia dos lábios de mel” largamente conhecida através do romance do cearense José de Alencar. Então, da minha subjetividade ricocheteou uma gama de indagações sobre a construção e a concepção da imagem do indígena no ensino de história em Ipu, a partir desse desassossego concebeu-se esse artigo.

No primeiro tópico do artigo *A romantização da imagem do indígena em Ipu* procurei analisar e expor a influência da obra alencarina no arcabouço cultural da cidade ipuense, para embasar essa linha de pensamento me debrucei sobre a comemoração de emancipação política da cidade de Ipu do ano de 2015 com o tema: “Ipu 175 anos, berço de Iracema 150 anos” um evento apoteótico com patrocínio público municipal ipuense. Através da historiografia local percebi que a imagem do indígena, no início do século XX, chegou a ser desdenhada por certo grupo intelectual, mas que apesar dessa aversão ao elemento indígena, o mito fundador de Iracema não sucumbiu a segregação que essa elite fazia e tentando separar tudo que era atrasado e selvagem do moderno e civilizado.

No segundo tópico contemplei a problemática da *Representação do indígena no ensino de história em Ipu*, para dissertar sobre essa questão pesquisei em 05 (cinco) estabelecimentos de ensino ipuenses, escolas públicas e privadas, conversando com a coordenação escolar obtive acesso aos planos anuais, aos professores de história e aos estudantes que contribuíram com a presente pesquisa. Elaborei um questionário para os professores com indagações sobre a temática indígena e seus métodos em sala de aula, já para os alunos produzi uma enquete para me apropriar das concepções e

---

<sup>4</sup> É um evento criado por jovens estudantes ipuenses e graduados da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, sendo realizado pela mesma. O simpósio desde 2008 procura promover o conhecimento e o debate sobre o homem e a sociedade nas diversas áreas do conhecimento. O evento recebe estudantes e professores acadêmicos da região noroeste do Ceará e sempre propondo novas temáticas e problemáticas em cada ano, trazendo intelectuais renomados para enriquecer o debate.

representações que esses estudantes possuem sobre o índio. No corpo do texto descreverei de forma mais precisa o conteúdo do questionário e da enquete elaborada.

O que procuro com esse breve texto é expor e problematizar a representação romantizada do indígena em Ipu, analisando a abordagem do elemento indígena no ensino de história, com o olhar reflexivo da historiografia apontando e defendendo a história e cultura nativa como protagonista e importante para a formação da cidadania e do pensamento histórico e crítico dos alunos do ensino fundamental II, sendo esse o público alvo das questões aqui analisadas. É importante salientar que os antigos povos indígenas que habitavam a região do Ceará foram protagonistas de violentas batalhas contra os invasores (europeus) assim como ocorreu com diversas etnias ameríndias, entretanto os nativos possuíam outros tipos de resistência como no campo da religiosidade, da iconografia e dos ritos aborígenes camuflados de cristianismo, é o que Gruzinski<sup>5</sup> e Vainfas<sup>6</sup> analisaram na implantação da América espanhola e na colonização portuguesa, respectivamente. Alguns historiadores ignoraram a luta, resistência e o genocídio desencadeado pelo dominador e comumente abordado pelos materiais didáticos trabalhados em sala de aula.

Todos esses povos foram convencidos e denominados pelos conquistadores através da pejorativa alcunha de “selvagens” ignorando e combatendo a cultura dos povos nativos, sendo apenas um “povo bárbaro”. Michel de Certeau<sup>7</sup>, quando disserta sobre a *Etnografia*, torna inteligível o velho discurso ocidental que inventou e buscou segregar o “civilizado” do “selvagem”, a virtude da escrita e a depreciação da oralidade. Porém, ao mesmo tempo em que essas medidas refletem o caráter cruel do discurso eurocêntrico, por outro lado demonstra a consciência dos indígenas ao resistirem, inclusive, às privações materiais, pois nem o cárcere tirava-lhe a consciência, e levando os dominadores a adotarem métodos repressivos como só eles souberam, e ainda sabem fazer. Apesar de tudo que foi feito, o povo indígena resistiu e resiste. Da luta, ainda hoje resistem homens e mulheres. São povos que, frequentemente, enfrentam o desprezo e descaso das autoridades para com eles. Diriam

---

<sup>5</sup> Gruzinski, Serge. **A guerra das Imagens**: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). Tradução Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>6</sup> VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

alguns “mas estes recebem nosso apoio”. Porém, as autoridades oficiais parecem não compreenderem muito as suas reais necessidades, que vai desde condições mínimas de sobrevivência como saúde, moradia, luta pela terra, à preservação das tradições culturais que, como sabemos, corre um sério risco frente à globalização etnocêntrica e os interesses capitalistas correntes.

Cientes que vivemos sob o jugo do capitalismo e quem não se encaixa na engrenagem do sistema acaba excluído. É o que acontece com os indígenas hoje, sua cultura é comercializada como produto exótico e as reais tradições, sua forma de viver, pensar e sua terra não interessam prioritariamente aos dominadores capitalistas, muito mais interessados em disseminar a cultura do consumismo e individualismo burguês, o pensamento em se apropriar cada vez mais da terra negando ao indígena o direito de também usufruir dela e comprometendo o espaço vital da comunidade aborígene.

## 2. A ROMANTIZAÇÃO DA IMAGEM DO INDÍGENA EM IPU.

(...) Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara.<sup>8</sup>

Contemplemos o poder da escrita. A escrita pode iluminar, dar novas cores e sabores a espaços e lugares. Até então, a cidade de Ipu, que tinha sido emancipada politicamente em 1840, ganha vinte e cinco anos mais tarde, notoriedade através da escrita literária de José de Alencar. Uma cidade infante que ainda estava em seus primeiros anos de independência política torna-se “imortalizada” em uma obra que se tornou um clássico da literatura brasileira.

A epígrafe em destaque traz um pequeno trecho do romance *Iracema* de José de Alencar que na segunda metade do século XIX, quando publicado, foi adquirindo notável relevância no meio literário e cultural nacional e posteriormente ganhando renome para além das “terras tupiniquins”<sup>9</sup>. Toda essa reputação favorável do romance indianista alencarino se construiu na medida em que o autor busca legitimar e naturalizar a identidade nacional através de sua escrita embebida de drama e

---

<sup>8</sup> ALENCAR, José de. **Iracema**. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p. 27

<sup>9</sup> Expressão popular com alusão ao território brasileiro, essa expressão surgiu devido a etnia indígena Tupiniquim ter sido uma das primeiras a terem contato com os portugueses no início do século XVI.

imaginação, ressaltando a imagem do indígena cearense e com preocupação com a “verdade histórica”.

O escritor defende, que o seu romance para não ser “infiel à verdade histórica”, estava baseado em escritos que existiram, com as “Memórias diárias da guerra brasílica do conde de Pernambuco”, considerando que “esta autoridade, além de contemporânea, testemunhal, não pode ser recusada”.<sup>10</sup> A procura de Alencar para revestir sua obra com a verossimilhança histórica é latente, o escritor tentar dar credibilidade a sua narração fictícia com explicações nos “prólogos” do romance.

Trata-se de uma lenda com “Argumento histórico” e esse argumento tem uma dialética sem síntese, na medida em que há uma política da verdade, articulada em uma narrativa sedutora, pronta para agradar a força e a fraqueza constitutiva da humana condição: a nossa capacidade de imaginar (...) As notas de Iracema não são, portanto, simplesmente coisas secundárias, pois funcionam em uma lógica argumentativa para dar à fábula uma base de fato.<sup>11</sup>

De fato a escrita de Alencar forjou elementos identitários a serviço do Brasil, do Ceará e, por conseguinte, do Ipu. E assim transmitindo a imagem romântica do indígena na cidade. Talvez, a inspiração do escritor cearense tenha ganhado forma a partir do cenário bucólico e natural da cidade que possui uma geografia privilegiada assentada ao rés do chão do colossal paredão da serra da Ipiabapa tendo como pano de fundo a exuberante bica, uma cascata que se prolonga por mais de cem metros de altura. Alencar ao escolher “os campos do Ipu” como o lugar de origem de seu personagem principal, a índia Iracema, geradora de Moacir o primeiro cearense, dá contornos relevantes à cultura ipuense e conseqüentemente atrelando a imagem da cidade à afamada “terra de Iracema”.

Contudo, a cidade de Ipu no final do século XIX e início do século XX adentra num período do discurso do progresso e da civilidade, a estrada de ferro e a inauguração da estação ferroviária (1894) trazem consigo a aceleração do desenvolvimento econômico, simultaneamente surge um grupo de políticos e intelectuais ipuenses<sup>12</sup> que

---

<sup>10</sup> ALENCAR, José de. Op. cit. p. 22.

<sup>11</sup> RAMOS, Francisco Régis L. *Passado sedutor: a história do Ceará entre o fato e a fábula*. In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani (Orgs.). **Em tempo**: história, memória, educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. p. 286-287.

<sup>12</sup> Esse grupo de políticos e intelectuais era composto por Leonardo Mota, Abílio Martins, Souto Maior, Oswaldo Araújo (todos bacharéis em direito) e Eusébio de Sousa (Juiz da comarca de Ipu entre 1913-

almejavam uma nova cidade, elaboram um projeto citadino “progressista”, “higienista” e “civilizador” erguido sobre a cidade da “barbárie”. Desta forma houve uma tentativa de se livrar de tudo aquilo que era considerado como “incivilizado”, “bárbaro” e “selvagem”.

Um dos componentes do “ilustre” grupo intelectual ipuense, o magistrado Eusébio de Sousa, contribuiu de forma considerável para a construção da chamada história oficial da cidade, em sua perspectiva a imagem do indígena estava associada ao atraso, e ia à contra mão do discurso de civilidade desejada. Recorrendo a análise de Vitorino Farias sobre a narrativa histórica produzida por Eusébio de Sousa, percebe-se:

(...) o autor buscou criar para o Ipu uma história harmoniosa, sem conflitos e que refletisse os efeitos da “civilização”, em oposição à “selvageria” e a “barbárie” dos “índios”. Buscou criar a imagem de que os “primeiros moradores” do povoado eram “homens de trabalho”, pacatos e ordeiros (...) o juiz da comarca de Ipu buscava minimizar a influência da “raça indígena” na formação do ipuense (...)<sup>13</sup>

É nítido o profundo desprezo a imagem do indígena por parte da concepção e narrativa histórica de Eusébio de Sousa, essa postura pode-se explicar pela forte influência das teorias de cunho racial que ganhavam força naquela época no Brasil e que de acordo com Lilia Schwarcz<sup>14</sup> foram a base do pensamento de muitos intelectuais brasileiros a partir das últimas décadas do século XIX e que permaneceram fortes até pelo menos 1930.

Apesar dessa aversão ao elemento indígena na construção da narrativa histórica nesse período em Ipu o mito fundador Iracema não sucumbiu ao discurso progressista e civilizador produzido e propagado por várias décadas na cidade, essa emblemática romantizada do indígena de fato persistiu e no decorrer dos anos foi se solidificando nos

---

1918), esse último produziu e deixou uma produção importante que serviu de modelo para os estudos de outros pesquisadores no campo da história do Ceará. Em Ipu o grupo fundou agremiações literárias, jornais e associações, como Grêmio Ipuense. Em suma, o grupo tinha em suas mãos o poder político local e tinha em seu alcance todos os postos de mando da cidade. Sobre o período de exaltação e busca pelo novo projeto progressista e civilizado da cidade ipuense ver: FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **O discurso do progresso e o desejo por uma outra cidade: imposição e conflito em Ipu-Ce (1894-1930)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

<sup>13</sup> FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. *Eusébio de Sousa e a construção da narrativa histórica: o caso de Ipu-Ce*. IN: FARIAS FILHO, Antonio Vitorino; ARAÚJO, Raimundo Alves de. (Orgs.). **Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará (1850-1930)**. Vol. I. Sobral-CE: Sertão Cult, 2014. p. 105-106.

<sup>14</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



meandros culturais e educacionais ipuense. Depois da década de 1930 as teorias racistas vão dividindo e perdendo espaço no cenário intelectual brasileiro para um novo pensamento, a perspectiva “Freyriana”<sup>15</sup> que não me aprofundarei aqui.

Houve, posteriormente, uma tentativa de personificação dessa alcunha identitária dada à cidade, isto é, o poder público procurou legitimar o Ipu como o “berço de Iracema” construindo espaços que enaltecessem a figura da “índia ilustre”. Surgiram assim a praça central denominada de Praça de Iracema<sup>16</sup> com uma escultura que remonta o encontro da índia com o seu enamorado inconveniente o “guerreiro branco” Martim. Recentemente foi reinaugurado o auditório da Casa da Cultura do município, com a denominação de Auditório Iracema.

Imagem 01: Placa de reinauguração do Auditório da Casa da Cultura de Ipu



Fonte: Acervo particular.

Imagem 02: Praça de Iracema



Fonte: Acervo particular.

A inauguração do auditório da Casa da Cultura se deu na data comemorativa de emancipação política da cidade ipuense e esse período de solenidades possuía uma programação com o sugestivo e oportunista tema: “Ipu 175 anos, Berço de Iracema 150 anos”. Houve uma conformidade entre as autoridades públicas para confeccionar e paramentar o evento municipal, a organização procurou exaltar ao máximo a índia do

<sup>15</sup> Ver: FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro, 2001.

<sup>16</sup> De acordo com o memorialista e professor Chico Mello a praça de Iracema foi inaugurada no ano de 1927, um espaço repleto de flores que inicialmente denominou-se Jardim Iracema, passou por várias reformas e em uma delas, no ano de 1965, foi colocada a estatueta representando a índia Iracema, essa foi danificada sendo colocada outra nova no ano de 2008 com a última reforma. Ver: MARTINS, Francisco de Assis. (Prof. Chico Melo). **Monografia de Ipu: histórico de Ipu**. Compilado por Francisco de Assis Martins – Ipu – Janeiro de 2001. p. 13.

romance alencarino. Tal comemoração emblemática serviu para o poder público fortalecer o mito fundador cearense e afirmar a alcunha cultural da cidade.

Imagem 03: Logomarca do aniversário de emancipação política 2015



Fonte: Acervo da Secretaria da Cultura do Município de Ipu

Mais especificamente em relação à programação pública da emancipação política do município, vale a pena citar o *script* (roteiro) lido pelo mestre de cerimônia na abertura do evento e dando início ao especial Iracema – 150 anos:

Boa noite, Ipu! Berço de Iracema!

Os 175 anos de emancipação de nosso município são marcados pelos 150 anos da obra literária de José de Alencar – Iracema – “a virgem dos lábios de mel”, publicada em 1865 e traduzida em diversas línguas.

Convidamos para compor a Mesa de Honra: Ilmo; Sr. Prefeito Municipal Sergio Rufino e a 1ª Dama Ana Rufino, Secretária de Cultura Sônia Pontes, José Rufino da Silva Neto (Presidente da Câmara Municipal)

Estamos dando início ao Especial Iracema - 150 anos! (...)

A obra é considerada de caráter único e universal, e se confunde com a própria história de nosso município. Iracema também é uma declaração de amor às plagas cearenses, a seus primeiros habitantes e as suas paisagens. Mas nós, ipuenses, especialmente temos uma admiração, um carinho, uma vibração indescritível por ser a índia formosa, filha deste nosso rincão. Por isso, o Governo Municipal, 1ª Dama, Secretaria de Cultura e demais Secretarias prepararam este Especial Iracema – 150 anos! (...)<sup>17</sup>

<sup>17</sup> **Especial Iracema – 150 anos!** Roteiro de condução da solenidade pública, compondo a programação de 175 anos de emancipação política ipuense, em homenagem ao romance *Iracema* de José de Alencar, proferida pelo mestre de cerimônia no dia 20/08/2015. Escrito por Graice Farias.



A reiterada legitimação de Ipu como o “berço de Iracema” por parte do discurso das autoridades públicas vai auxiliando e corroborando na construção da visão do indígena na sociedade ipuense, uma vez que a demasiada representação da índia que se apaixonou pelo colonizador branco vai tornando-se algo quase que irrefutável, ou seja, a repetição do paradigma da imagem limita a história e a cultura indígena cearense.

A apropriação cultural de Iracema como utilidade pública, ao fim e ao cabo propicia uma viciosidade e estabelece um limite ou fronteira pernicioso e excludente sob a real identidade do indígena cearense e ao mesmo tempo que tipifica e minimiza a cultura ipuense, não no sentido de depreciar rebaixando a literatura e a obra de Alencar, mas digo no sentido de esterilizar a cultura enquadrando a cidade apenas com o simples estereótipo de “terra de Iracema”. Uma cultura não pode ser única e da mesma forma a cidade não é uníssona e estática. Precisamos pensar as diversas concepções de cidade como diz Ítalo Calvino<sup>18</sup>: “(...) em cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.”

Além da representação destes espaços públicos houve também a alegorização dos espaços privados como lojas, farmácia e emissora de rádio, todos utilizando o nome da personagem indígena do romance alencarino para designar suas fachadas empresariais. Há também ipuenses que promovem uma espécie de homenagem a personalidade mitológica de Iracema, procurando replicar e exaltar sua imagem a partir de poemas, telas e quadros espalhados pela cidade.

Os memorialistas<sup>19</sup> ipuenses, inevitavelmente, também se serviram do legado da obra alencarina reforçando ainda mais a imagem romantizada do índio na cidade. A ousadia dos memorialistas em desbravar várias áreas do saber é recorrente. No corredor de entrada da Casa da Cultura estão expostos poemas escritos por memorialistas e escritores ipuenses que dedicam seus versos a figura de Iracema.

Além da poesia, os memorialistas habitualmente, se atrevem vagar pelo campo minado da história produzindo materiais que passam a ser lidos como a “história

---

<sup>18</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p 34

<sup>19</sup> São componentes da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes – AILCA. Esse grupo é composto por pessoas da elite ipuense com formações em diversas áreas como: medicina; história; engenharia; letras; biologia e etc. Eles produzem livros, poemas e pinturas e possuem uma espécie de “autoridade” no campo da cultura ipuense.

oficial” do município. Uma vez que esse material passa a ser obrigatório, isto é, a produção memorialista é a mais requisitada para certames municipais que cobram o conhecimento histórico dos candidatos a um cargo público. Vejamos um trecho de um desses materiais:

Ipu, berço de Iracema, terra de Martim e Araquém, tem sua civilização pautada nos costumes indígenas. Os Tabajaras sobreviviam fazendo roçados e neles plantavam o cará, o inhame, o abacaxi, milho, mandioca e outras culturas que se adaptassem a fertilidade do solo.<sup>20</sup>

Essa narrativa memorialista além de simplista e objetiva, facilitando a rápida absorção decorativa, também possui o papel de construtora e legitimadora de uma ideologia cultural regionalista que busca autenticar o mito fundador da cidade. A edificação imagética do indígena na mentalidade da sociedade ipuense é corroborada pela óptica memorialista deixando assim na escuridão o grande mosaico e a polifonia que é a cultura e a história indígena no Ceará.

Haja vista toda essa apropriação e legitimação da visão romantizada do índio cearense em Ipu tanto pelo poder público como por parte da “elite intelectual”, no caso os memorialistas, será que a educação também não escapou desse paradigma? O ensino de história também se seduziu pela imagem do índio estabelecida pelo romance alencarino? Vamos adiante.

### **3. A REPRESENTAÇÃO DO INDÍGENA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM IPU**

Como a temática do indígena é tratada nas aulas de história na cidade de Ipu? Até que ponto os discursos de legitimação da imagem romantizada do indígena influenciaram o ensino-aprendizagem da história? Existem reflexões sobre a cultura e a história aborígene cearense? Há atuação dos professores junto às direções escolares, no desenvolvimento de projetos que envolvam os alunos na temática indígena? A minha inquietação surge da conjectura de que a educação tenha se impregnado pela reafirmação constante do denominado “berço de Iracema”.

Há um paradigma cultural estereotipado pelo romance indianista alencarino, e protegido por discursos públicos e por certa parte dos intelectuais ipuenses. Cabe-nos investigar a (in) existência desse dilema nas salas de aula. Deste modo me direcionei para confronto corporal, isto é, fui às portas de algumas instituições de ensino ipuenses,

---

<sup>20</sup> MARTINS, Francisco de Assis. (Prof. Chico Melo). Op. cit. p. 01.

tanto públicas como privadas, para colher as pistas e seguir os rastros da temática indígena nas aulas de história. Formulei algumas perguntas e elaborei uma enquete, para os professores e outra para os estudantes nessa ordem. Também recorri às direções e coordenações escolares para tomar conhecimento dos planos anuais ou das propostas pedagógicas da disciplina de história.

As escolas trabalhadas na pesquisa foram as municipais E.M.E.B Deputado Murilo Rocha Aguiar, a E.M.E.B. João Sampaio de Araújo, a E.M.E.B. Professora Valdemira Coelho Mello e os colégios particulares Patronato Souza Carvalho e o Instituto Kairós. Uma das primeiras escolas que adentrei para pesquisar e coletar material foi E.M.E.B Deputado Murilo Rocha Aguiar, lá conversei com a coordenadora pedagógica Cristina Santos que gentilmente me recebeu e me repassou as propostas pedagógicas anuais de história do público discente, no caso o ensino fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º anos). De acordo com a coordenadora, todas as escolas municipais seguem a mesma proposta pedagógica independentemente da disciplina, a programação é uníssona, e o programa tem a duração de 4 (quatro) anos sendo modificado posteriormente. Isto foi confirmado quando comparei as propostas com outras duas escolas da rede municipal que visitei.

Já em mãos, pude me debruçar sobre a proposta pedagógica de história da rede municipal. Averigui e percebi a sucinta abordagem do indígena para estudantes do 6º ano fundamental quando pretende: “Apresentar a diversidade dos povos indígenas na América e ajudar na formação do conceito do “índio” e de povos indígenas”<sup>21</sup>. Percebemos a abordagem minguada da temática do indígena nesse plano anual, a brevidade da temática deixa margem para pouca discussão e nenhuma possibilidade de aprofundamento da cultura e história indígena, haja vista que a proposta não abrange até então, o aborígene cearense, recaindo a responsabilidade sobre o professor e dependendo da sua disposição para verticalizar esse tema em um pequeno espaço de tempo.

Ao analisar a proposta anual da disciplina de história do 7º ano verifiquei a ligeira menção dos povos aborígenes, desta vez com o tema: “Os Tupi e os portugueses: encontros e desencontros”, com o objetivo de “conhecer alguns povos indígenas que

---

<sup>21</sup> PROPOSTA PEDAGÓGICA de história (6º ano) da E.M.E.B Dep. Murilo Rocha Aguiar. 2014-2018.

aqui viviam nos tempos de Cabral”.<sup>22</sup> Vejamos o referencial eurocêntrico latente nesse objetivo, se coloca o português como elemento demarcador do recorte temporal deixando as diversas etnias de autóctones, que viviam aqui antes de Cabral, no esquecimento.

No plano anual de história do 8º ano encontramos o romance alencarino *Iracema* exposto como sugestão de história local, com o objetivo de ser trabalhado como mito fundador ao lado de outros como o da missionária D. Joana de Paula V. Mimosa que herdou, da Corte Portuguesa em 1694, as terras da região onde hoje fica a cidade de Ipu e do padroeiro católico São Sebastião.<sup>23</sup> O romance é mencionado, mas apenas como um suporte que o professor poderá utilizar. Tendo em vista a importância de problematizar o mito fundador ipuense, é imprescindível a determinação e a erudição do professor para fazê-la.

Circe Bittencourt defende que o professor venha instigar o estudante a expressar as suas concepções sobre a temática a ser trabalhada:

Dessa forma, é fundamental que o professor faça emergirem as representações sociais que os alunos possuem sobre o tema a ser estudado, a fim de identificá-las e assim melhor organizar os conteúdos a ser apresentados, ampliar informações, explicar com maior cuidado estudos comparativos e estabelecer com maior segurança os critérios para a escolha de materiais didáticos adequados.<sup>24</sup>

No plano anual do 9º ano não encontramos menção a temática indígena, apenas eventos da história geral que abrange o período contemporâneo, acredito que é uma falha da proposta uma vez que existem ainda algumas etnias aborígenes cearenses que podem ser visitadas, por tanto a temática do indígena é atual devendo ser considerada e problematizada para complementar a criticidade dos estudantes nessa faixa etária. Cabe aqui salientar que em todos os planos seriais da rede municipal apresentam como referência para os professores a pertinente Lei 11.645/08 que assegura a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-descendente e indígena.

Adentrando na seara dos colégios particulares pude conhecer um pouco a gestão escolar do Instituto Kairós, o estabelecimento de ensino mais novo da cidade com 6

---

<sup>22</sup> PROPOSTA PEDAGÓGICA de história (7º ano) da E.M.E.B Dep. Murilo Rocha Aguiar. 2014-2018.

<sup>23</sup> PROPOSTA PEDAGÓGICA de história (8º ano) da E.M.E.B Dep. Murilo Rocha Aguiar. 2014-2018.

<sup>24</sup> BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. p. 240

(seis) anos de existência. Lá conversei com o coordenador pedagógico do fundamental II Gledson Martins que me apresentou o plano anual da disciplina de história para os alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano. De acordo com o coordenador, o plano anual é seguido por uma coleção de apostilas da Editora Positivo produzido pela historiadora Celina Fiamoncini.<sup>25</sup>

Ao examinar o material, no caso as apostilas, percebi a qualidade do papel e as reproduções, isto é, a quantidade e disposição das ilustrações que fazem parte do aspecto mercadológico que as editoras sempre buscam para seduzir seus clientes, os professores. No caso o Instituto Kairós, sendo uma instituição de educação privada, busca e preza pelos aspectos formais do material a ser seguido e trabalhado em sala de aula. Dessa forma o colégio busca a mercadoria mais completa, os melhores agentes de confecção, ou seja, as melhores editoras para agradar os professores e sua clientela, os alunos.

Os colégios privados seguem o método de ensino conteudista, onde o professor é a figura de transmissor do conhecimento histórico e o mesmo tem por obrigação repassar todo o conteúdo da apostila ou do livro didático. Sendo assim o plano anual da disciplina de história, na verdade passa a ser a cartilha, a transmissão do conteúdo que foi analisado e comprado pelo colégio, e posteriormente vendido para o estudante.

É pertinente citar o uso de uma apostila de conteúdo híbrido no 5º ano do ensino fundamental no Instituto Kairós, no caso a junção de história e geografia. Um velho legado dos Estudos Sociais que as diretrizes nacionais ainda resguardam e é sistemático nos anos iniciais do ensino fundamental. Os conteúdos de história e geografia desta apostila discorrem sobre o Ceará. Em relação à história, é exposta logo no princípio, a ilustração da personagem Iracema do romance alencarino e um pequeno trecho do mito fundador cearense. Quando parte para o conteúdo em si, trabalha-se a migração dos povos indígenas atrelada a natureza, a preocupação deles em preservar o solo, garantindo alimentação para a tribo, o medo da escravidão e das doenças trazidas pelos portugueses.

O conteúdo das apostilas dos colégios particulares no ensino fundamental II abordam, ligeiramente, a temática do indígena e ao analisar o conteúdo percebi a opaca

---

<sup>25</sup> FIAMONCINI, Celina; **História**. ilustrações Águeda Horn, José Luis Juhas, Priscila Sanson – Curitiba: Positivo, 2011. (Coleção Positivo Fundamental).

imagem do aborígene quando apenas fala da sua vitimização perante os invasores colonizadores que trouxeram pestes e a mortandade para os nativos, concomitantemente a isso não se vê na escrita menção ao protagonismo indígena na história, apenas fala em umas das formas de resistência que foram os conflitos corporais. Os indígenas resistiram de outras formas, Ronaldo Vainfas argumenta sobre isto:

(...) a idolatria pode também ser vista como expressão da resistência social e cultural dos ameríndios em face ao colonialismo (...) a persistência ou a renovação de antigos ritos e crenças se mesclavam com a luta social, com a busca de uma identidade cada vez mais destruída pelo colonialismo.<sup>26</sup>

Algo ainda comum nas aulas de história, tanto no ensino público como no privado, a falta do olhar crítico sob o conteúdo do livro didático. Nas escolas municipais de Ipu é adotado o livro didático produzido pelo historiador Alfredo Boulos Junior<sup>27</sup> apesar das boas sugestões como livros de teóricos e filmes, a obra ainda configura o problema grave que é a forma eurocêntrica pela qual é apresentado os conteúdos sob uma temática histórica, especificamente a indígena. No livro do 6º ano ele faz uma breve relação entre o índio e a identidade do brasileiro, mas logo depois remonta a figura coadjuvante do indígena em relação a imposição europeia. É perceptível a velha lógica cartesiana contida na estrutura da obra, a divisão em capítulos com uma sequência linear dos fatos históricos.

As apostilas e livros didáticos utilizados nas aulas de história em Ipu seguem os indicadores das propostas curriculares ou os PCN, contudo tais afirmações da editora não acompanham totalmente os parâmetros curriculares nacionais. Cabe ao professor de história problematizar os conteúdos e as lacunas do livro didático, pois os textos dos livros dificilmente são contestados e eles “transmitem um saber ‘legítimo’ que se faz útil por si só, visto ser considerado como fim e não como meio passível de questionamento. No caso dos livros didáticos brasileiros, a força desse discurso é corroborada – e reforçada - pelo aval do MEC.”<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> VAINFAS, Ronaldo. Op. cit. p. 31.

<sup>27</sup> BOULOS J, Alfredo. **História: sociedade & cidadania** – 2ª ed. São Paulo: FTD, 2012. (Ensino Fundamental II).

<sup>28</sup> VAZ, Paulo Bernardo F. et all. “*Quem é Quem Nessa História? Iconografia do Livro Didático*”. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte. Autêntica – 2002, p. 50.



Recentemente, especificamente no ano de 2013, foi publicado o livro *Iracema Curuminha*<sup>29</sup> produzido pela professora ipuense Francisca Ferreira, com formação em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Esse material foi lançado na XI Bienal Internacional do Livro do Ceará que aconteceu em Fortaleza. O texto foi selecionado pelo programa PAIC (Programa de Alfabetização na Idade Certa) pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. O livro é voltado para crianças de 5 e 6 anos de idade e está disponível em todos os 184 municípios do Estado<sup>30</sup>.

Imagem 04: Alunos do ensino fundamental I da E.M.E.B. Profª Valdemira Coelho Mello com o livro *Iracema Curuminha*.



Fonte: Acervo particular de Francisca Ferreira

É claramente perceptível o propósito do livro *Iracema Curuminha* em incentivar as crianças cearenses e, por conseguinte, ipuenses a lerem e conhecerem o romance de José de Alencar. A forma como foi adaptada valoriza e enaltece a fauna e a flora cearense, mostrando a índia criança pescando, colhendo frutas, brincando na bica do Ipu e correndo nas matas descambando nas praias do litoral. As ilustrações endossam a figura inocente da personagem alencarina representando a indiazinha ao lado de vários animais, em um momento com uma flecha na mão olhando para a bica, em outro

<sup>29</sup> FERREIRA, Francisca. **Iracema Curuminha**. Ilustrações de Klaudiana Torres – Fortaleza: SEDUC, 2013.

<sup>30</sup> Informações expostas no site da Prefeitura Municipal de Ipu, disponível em: <http://www.ipu.ce.gov.br/v65/?p=4775>. Acessado no dia 14 de maio de 2016.

momento com uma espécie de folha de bananeira flutuando e pescando no riacho Ipuçaba.

O livro *Iracema Curuminha*, apesar de não ser específico da área de história, possuem uma polivalência disciplinar, ou seja, sendo um livro paradigmático e transversal pode ser adotado em outras matérias escolares. A história é uma das matérias que o livro pode ser trabalhado, inclusive a professora Albertina Farias da E.M.E.B João Sampaio de Araújo utilizou o livro como um suporte em uma de suas aulas de história que abordavam a temática do indígena. Os colégios privados do Ipu também foram agraciados com um exemplar do livro *Iracema Curuminha* reverberando ainda mais o mito fundador indianista da cidade.

Para acrescentar e robustecer a pesquisa conversei com professores e estudantes e lhes entreguei algumas perguntas, as mesmas estão dispostas integralmente nos anexos do presente artigo. Para os professores foram questões mais elaboradas com o objetivo de conhecer a gestão pedagógica da escola, se a direção é receptiva e flexível perante projetos elaborados pelos professores, a metodologia didática do professor, se a temática indígena já foi, está ou irá ser trabalhada em projetos que envolvam o corpo discente e docente, se o professor já utilizou a obra *Iracema* em suas aulas ou projetos de história de alguma forma, se o professor tem conhecimento da lei 11.645/08 e se ele acredita que a temática do indígena cearense está sendo problematizada e abordada de forma satisfatória em sala de aula.

Nas escolas públicas municipais visitadas em Ipu a carência estrutural se nota na primeira olhadela. Os estabelecimentos de ensino não possuem laboratórios de ciências, as bibliotecas são minúsculas e mal organizadas, as salas de aula manchadas e rabiscadas. Das três escolas visitadas apenas uma possui uma sala de multimídias. A pobre estrutura dificulta o trabalho do professor e para o mesmo desenvolver um bom trabalho em sala de aula, além do pincel e do quadro, é obrigado a se esforçar para encontrar recursos que inovem e prolifiquem o ensino-aprendizagem de história.

De acordo com os professores de história das escolas municipais, existe uma liberdade para desenvolver e aplicar projetos, mas o problema aparece quando o colega professor de outra matéria não aceita ceder suas aulas uma vez que é necessário mais

tempo nas aplicações de projetos e conseqüentemente o consenso com todo o corpo escolar, que é indispensável.

Segundo os professores não foi desenvolvido, nos últimos anos, nenhum projeto que envolva a temática indígena. Todos os professores que foram questionados se já trabalharam com a obra *Iracema* de José de Alencar responderam positivamente que citaram e/ou alguma vez utilizaram o romance em suas aulas de história envolvendo o indígena e a história local entendendo o enredo alencarino como mito fundador.

Sobre a lei 11.645/08 os professores das escolas municipais responderam que a conheciam, mas nenhum se aprofundou na diretriz que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-descendente e indígena. O professor de história Adenes Sousa do colégio privado Patronato Sousa Carvalho relatou sobre a importância da lei e afirmou que com base nessa diretriz aborda em suas aulas a cultura e história indígena. Em relação aos projetos nos colégios particulares há menos possibilidade de serem desenvolvidos uma vez que o sistema conteudista obriga os professores de história a serem rápidos nas abordagens das temáticas históricas.

A realidade do professor ipuense está atrelada a uma característica perniciosa do sistema educacional brasileiro que se percebe na falta de acompanhamento e diálogo entre a escola e a família do aluno, ou seja, é necessário um contato maior entre toda a comunidade escolar para combater a inconveniente e discrepante distância entre a escola e o cotidiano do aluno, é preciso uma mudança de postura da direção escolar uníssona a maturidade do professor para conhecer melhor o estudante e suas dificuldades e seus potenciais na aprendizagem da história.

Em relação aos estudantes, formulei uma espécie de enquete com objetivo de identificar a representação que eles possuíam sob o índio, se sabiam que existem comunidades indígenas em nosso Estado, quais tribos eles conheciam, se eles leram ou apenas conheciam a lenda de Iracema, se seus professores usavam recursos didáticos diferentes em sala de aula, se a cultura indígena era importante e se ainda existia algum costume aborígine em nossa sociedade.

O objetivo da enquete é apenas colher os dados para um melhor entendimento de como está fluindo o ensino-aprendizagem da história, uma vez que a problemática do indígena ainda é por vezes compactada e relegada pelo sistema educacional vigente na

medida em que o estudante é obrigado a decorar datas e fatos deixando de praticar o essencial no estudo da história que é o de questionar e refletir.

Os estudantes que participaram da enquete integram o ensino fundamental II das escolas públicas e privadas que foram visitadas em Ipu. Sobre a representação do aborígene existiam oito opções de adjetivos: civilizado, selvagem, livre, resistente, preguiçoso, guerreiro, ignorante e sábio. Eles podiam marcar apenas duas opções, a tabela abaixo nos fornece um parâmetro da concepção do aluno ipuense sob a imagem do indígena:

<b>PERCEPÇÃO SOBRE A IMAGEM DO INDÍGENA</b>							
Civilizado	Selvagem	Preguiçoso	Ignorante	Resistente	Livre	Guerreiro	Sábio
-	06	01	-	02	03	08	04
<b>TOTAL DE ALUNOS: 12</b>							

Segundo a enquete, todos os estudantes se disseram conhecedores do mito de Iracema, porém apenas 2 (dois) afirmaram que já leram a obra de José de Alencar. Ao serem indagados sobre quais tribos indígenas conheciam pelo estudo na escola, apenas 7 (sete) responderam e a maioria citou a tribo Tabajara. Ao perguntar se há inovação nas aulas de história em relações a recursos didáticos como imagens, filmes ou dinâmicas apenas 5 (cinco) responderam positivamente, isto mostra que os professores utilizam mais os recursos tradicionais (pincel e quadro). A respeito da importância do estudo da cultura e história indígena para os estudantes, todos afirmaram que é importante, porém poucos justificaram suas respostas e os que justificaram citaram os traços e legados culturais como a culinária, a pesca, o banho e a rede.

A partir da contribuição dada pelos professores e estudantes ipuenses percebe-se que chega a ser mais oneroso a adoção dos métodos tradicionais no ensino de história que uma inovação e ao mesmo modo que a temática indígena é negligenciada em sala de aula, uma vez que a representação do indígena para os alunos torna-se estéril e cristalizada. O trabalho, em sala de aula, nas escolas ipuenses ainda está firmemente arraigado e apenas a mercê do livro didático ou apostilas, a ausência de pesquisa é outro problema, os alunos ainda estão presos a consultas esporádicas e rasas em bibliotecas ou a outros espaços de pesquisa.

De acordo com Circe Bittencourt<sup>31</sup>, a prática em sala de aula está atrelada a perguntas que são impostas aos estudantes, respostas essas prontas e acabadas, e exteriores, quanto a pesquisa restringe-se ao abrir e fechar de um único livro ou apostila. Dessa forma não existe a confrontação com outra referência ou fonte de autoridade para enriquecer o aprendizado e levar ao conhecimento de concepções divergentes que geram um maior criticidade do pensamento histórico do estudante.

A temática indígena não tendo um suporte maior de referências bibliográficas e de fontes a serem trabalhadas na sala de aula passa a aglutinar o saber histórico do elemento indígena em uma única versão. Outro problema é a forma de absorver do conteúdo histórico. A memorização sem nenhum cunho reflexivo empobrece o ensino-aprendizagem da história, os estudantes estão decorando ao invés de indagar, problematizar e refletir o texto dado.

A História, como disciplina escolar, tem como peculiaridade de fazer-se com técnicas de memorização para dados mais pontuais; mas de inscrever-se com a força de uma visão de mundo no que concerne aos temas da existência: talvez, não consiga lembrar que o “Dia do Índio” é 19 de abril; mas, talvez não esqueça ter ouvido serem os índios “preguiçosos”, “atrasados”, “inadaptáveis” à escravidão (sic).<sup>32</sup>

Desta maneira é necessário que o professor de história chame para si a responsabilidade de usar (e às vezes, abusar) dos conceitos e abstrações, e a importância de pensar historicamente a construção dos “fatos”. Levar os alunos a questionar o texto que lhes é dado, mantendo a lucidez nos questionamentos e assegurando o desenvolvimento do pensamento crítico sobre as representações que são colocadas e os conceitos que são expostos, refletindo sobre o que se lê, o que se houve e o que se vê.

Em relação a isso, Maria Auxiliadora Schmidt explica que:

(...) Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> BITTENCOURT, Circe Maria F. Op. cit. p. 317.

<sup>32</sup> FURTADO FILHO, João Ernani. *História escolar: desafios e possibilidades*. In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani (Orgs.). Op. cit. p. 307.

<sup>33</sup> SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004, p. 114.

Partindo desse pensamento, a prática de ensinar história deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno e a partir dele iniciar a problematização da temática sobre o elemento indígena. Entretanto o professor de história deverá usar de sua sensibilidade para trabalhar as representações já formadas no imaginário do aluno, procurar discutir a perspectiva do estudante e agregando a outras concepções e assim formando uma representação nova, alheia a clichês e preconceitos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse breve texto, por mim produzido, foi fruto de uma pesquisa *in loco* em alguns espaços culturais e educacionais ipuenses. Um percurso entre escolas e equipamentos culturais da prefeitura municipal de Ipu, onde busquei explorar a demasiada “veneração” ao mito Iracema, escrito na forma de romance por José de Alencar que é enaltecido com orgulho pelo discurso do poder público da cidade.

Os estabelecimentos de ensino que foram visitados e tendo a contribuição dos professores de história e alguns de seus alunos serviram de muita valia para a construção dessa pequena reflexão sobre o ensino de história e a temática do indígena nas salas de aulas ipuenses. Adentrei em colégios particulares e escolas municipais, minha intenção não foi uma tentativa de clivagem das mesmas, mas apenas conhecer as maneiras que se aborda a temática do indígena nas aulas de história em ambientes variados, mas do mesmo segmento e dessa forma coletando um dos tipos de fontes que foram utilizados na construção desse artigo.

Através e levado pela pesquisa cheguei a considerações perturbadoras em relação à romantização da temática indígena ou a ausência de problematização dela nas aulas de história, uma vez que ao infiltrar-se nos organismos funcionais de cada estabelecimento percebi que o problema não era apenas a visão fechada e romantizada do indígena cearense, mas também a falta de qualquer trabalho relacionado ao elemento indígena, à exceção do dia do índio e da comemoração de emancipação política do município ipuense, onde algumas estudantes são travestidas de índia em alusão ao mito romancista alencarino.

A grande questão é ainda a ausência de inovação no ensino da história, algo nítido nas respostas dos professores consultados, as dificuldades como falta de tempo para uma abordagem mais profunda da temática indígena, a inflexibilidade dos colegas



professores de outras áreas, a pouca estrutura das escolas e professores indispostos foram alguns dos empecilhos para a discussão desse assunto com tamanha pertinência no ensino e estudo da história.

Outro problema é a improdutividade de materiais didáticos de história local, o único material produzido e que está à disposição a todas as escolas ipuenses não foi um (a) historiador (a) que o produziu, que é a *Iracema Curuminha* adaptação do mito fundador Iracema para crianças do fundamental I. Faz-se necessário uma produção didática da história local, principalmente para as crianças do ensino fundamental para essas irem desde cedo construindo o conhecimento crítico e reflexivo sobre o passado do lugar em que elas vivem.

O papel do indígena cearense no ensino de história há tempos vem sendo discutido, visando-se encontrar melhores métodos e técnicas para que os professores possam de fato transmitir a história destes povos de forma reflexiva fazendo com que o aluno não seja um mero reproduzidor de um discurso positivista, no qual o sistema educacional visa formar. Mas ainda é latente a forma tradicional e eurocêntrica de abordagem da temática do indígena nas salas de aula. Este ensino nos é repassado e instituído por um aparelho ideológico de Estado, que transforma a escola em um espaço com essa tradicional forma de ensinar, como se fosse o único objetivo a ser alcançado para que haja a aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, tanto o corpo docente quanto discente acabam deixando de lado o interesse de mostrar os nativos cearenses como sujeitos históricos e colaboradores do processo de formação cultural de nossa sociedade, para manter “engessada” aquela mentalidade de que o índio é um sujeito “inferior”, “selvagem”, “bárbaro” e “submisso”.

Contudo, provavelmente não seja tarefa fácil essa mudança no ensino de história, mas se houver determinação por parte do corpo docente, será possível atribuir ao índio cearense uma reflexão mais elaborada do seu papel na sociedade, possibilitando aos alunos afastarem-se daquela visão positivista dos fatos e acontecimentos direcionados a esses povos. Acontecendo isto, o professor poderá mudar a realidade do ensino público, talvez, não no Brasil ou no Ceará todo, mas pelo menos dentro de sua escola e dentro da sala de aula, onde não só ele será atingido por

essa nova “revolução” no processo de ensino, mas também os alunos serão atraídos por buscarem um conhecimento no qual eles não só ouçam, mas produzam história e façam com que a aprendizagem seja, de fato, satisfatória.

## 5. REFERÊNCIAS

APOSTILA KAIRÓS 6º 7º 8º 9º: FIAMANCINI, Celina; **História**. ilustrações Águeda Horn, José Luis Juhas, Priscila Sanson – Curitiba: Positivo, 2011.

ALENCAR, José de. **Iracema**. Fortaleza: Edições UFC, 1985. p. 27

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

BOULOS J, Alfredo. **História**: sociedade & cidadania – 2ª ed. São Paulo: FTD, 2012. (Ensino Fundamental II).

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino. **O discurso do progresso e o desejo por uma outra cidade**: imposição e conflito em Ipu-Ce (1894-1930). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História e Culturas) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

FARIAS FILHO, Antonio Vitorino; ARAÚJO, Raimundo Alves de. (Orgs.). **Nas trilhas do sertão**: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará (1850-1930). Vol. I. Sobral-CE: Sertão Cult, 2014.

FERREIRA, Francisca. **Iracema Curuminha**. Ilustrações de Klaudiana Torres – Fortaleza: SEDUC, 2013.

FRANÇA, Vera Regina Veiga (org.). **Imagens do Brasil**: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte. Autêntica – 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & Senzala**. Rio de Janeiro, 2001.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das Imagens**: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019). Tradução Rosa Aquiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**Especial Iracema – 150 anos!** Roteiro de condução da solenidade pública, compondo a programação de 175 anos de emancipação política ipuense, em homenagem ao romance *Iracema* de José de Alencar, proferida pelo mestre de cerimônia no dia 20/08/2015. Escrito por Graice Farias. Documento pertencente a Secretaria da Cultura do Município de Ipu.

MARTINS, Francisco de Assis. (Prof. Chico Mello). **Monografia de Ipu**: histórico de Ipu. Compilado por Francisco de Assis Martins – Ipu – Janeiro de 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido de Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani (Orgs.). **Em tempo**: história, memória, educação. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ZENI, Viviane Maria. **História e Geografia**: Ceará. 5º ano fundamental. Ilustrações Águeda Horn (et. al.) – Curitiba: Positivo, 2013.